

# O dia em que roubaram uma cidade inteira

Um dos mais significativos tombamentos arquitetônicos em terras capixabas ocorreu no dia 19 de outubro, em São Pedro do Itabapoana, um distrito de Mimoso do Sul que deixou de ser sede do município em 1930, quando, num golpe de força, 13 caminhões lotados de policiais, vindos da Estação de Mimoso, transferiram todos os arquivos e apetrechos dos órgãos públicos para a atual sede. Foi uma represália ao fato da população, que sempre teve participação política ativa, não ter apoiado a revolução de 1930. Com roubaram uma cidade inteira, ela agora foi tombada na vultosa marca de 44 imóveis.

José Irmo Goring

O pau comia feio no país. Ricos fazendeiros de Minas e São Paulo, que praticavam a política do café-com-leite, estavam acusados. No extremo Sul do Espírito Santo, em São Pedro do Itabapoana, hoje distrito de Mimoso do Sul — provavelmente a mais próspera região capixaba, de 1880 a 1930 —, a população não tinha motivo algum para apoiar aquela revolução. Vivia bem economicamente, divertia-se em bailes que iam até a madrugada do dia seguinte, primava pelo ensino e a arte (era uma sociedade essencialmente musical). E ali viveu a primeira mulher capixaba a publicar um livro (Maria Antonieta Taggiba, *Frauta Agreste*, em 1928, por editora do Rio).

Vencidos os obstáculos da conquista das terras que um dia foram domínio do índio Venâncio, numa região serrana à altitude de 800 metros, a sociedade vivia naquele estágio de prosperidade que proporciona aos artistas a criação de obras líricas, em vez de épicas.

Quando os revolucionários iam chegando, o Ivone pegava o aparelho de telégrafo e se enfiava pelo cafezal. Não consta que houvesse outra participação contrária aos revolucionários. Só que não moviam palha. Cuidavam da lavoura, do gado, dos engenhos de açúcar. Fabricavam goiabada, ferradura, tecidos. Praticavam a escola ativa, apoiavam o feminismo, esmeravam-se em competições de atletismo nos colégios, jogavam futebol em dois clubes e atiravam flores aos políticos em campanha (bons tempos, aqueles). E tudo era pretexto para um baile, que terminava sempre no amanhecer do dia seguinte. Podia ser pela Proclamação da República ou a inauguração do retrato do governador Florentino Avidos.

Cartago não era, essa cidade. Tinha mais de Atenas. Mas precisava ser punida, disse a Revolução de 30, agora soberana. E 13 caminhões lotados de policiais marcharam sobre a cidade, roubando sua identidade de sede do Município e Comarca. Mas não conseguiram destruir sua identidade cultural.

Seus moradores não só lutaram para reaver a condição de sede, mas mantiveram seu amor à terra. Dispersos pelo Espírito Santo e Rio de Janeiro, ao saberem da notícia do tombamento de São Pedro de Itabapoana, organizaram uma caravana e foram para lá, onde se reuniram com os moradores e os membros do Conselho Estadual de Cultura.

Iniciado em meados de 86, o processo de tombamento de São Pedro de Itabapoana, incluindo 44 imóveis, tramitou no dia 19 de outubro, sendo o mais rápido que já terminou no Conselho Estadual de Cultura. Isso, pelo seu significado histórico da localidade que no Espírito Santo tem dois outros similares, no que diz respeito à interiorização do desenvolvimento: Santa Leopoldina e São Mateus.

## A “descoberta”

A “descoberta” de São Pedro do Itabapoana ocorreu através do escritor Elmo Elton e coincidiu com o trabalho da Sociedade Espírito-Santense de Cultura, Educação e Ciência (Secec).

Elmo tinha informações sobre o local e para lá viajou com o objetivo de fotografar o túmulo de Maria Antonieta Tatagiba, sobre quem pretende escrever um trabalho. Trata-se da primeira mulher capixaba (nascida em São Pedro), a publicar um livro no Espírito Santo. Ele ficou admirado com a paisagem, o casário, o calçamento.

Ele sabia da história da cidade, através de um livro de Grinalson Medina publicado em 1931, mas quando viu o que restou da antiga sede, exclamou:

— Meu Deus, conheço o Estado todo... Como nunca tinha visto isto aqui?

Lembra que “deu um estalo no coração”. E observa que com São Pedro aconteceu fato idêntico ao de Parati, Rio de Janeiro, que se manteve intacta justamente por ter ficado isolada. No caso capixaba, o próprio Governo cuidou de dificultar o acesso à cidade, punindo-a com a não-recuperação das estradas.

Chegando a Vitória, Elmo Elton cuidou de divulgar a importância de se preservar este monumento histórico — que ele coloca no mesmo nível de Santa Leopoldina e São Mateus —, através de seu trabalho no Conselho Estadual de Cultura. Pediu o tombamento, o que foi acolhido, somando-se um abaixo-assinado de quase 200 pessoas da região, reforçando num trabalho da Secec.

Numa reunião do Conselho e Secec com a população, havia em São Pedro dois ônibus de excursionadores que residem no Rio, todos muito empenhados na preservação desse núcleo histórico. Alguns dizem que havia 600 pessoas neste trabalho inicial com a comunidade.